

INVESTIGANDO O *BULLYING* EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE NATAL/ RN

Samia Dayana Cardoso Jorge

Aluna do Programa de Pós Graduação em Psicologia – UFRN

Herculano Ricardo Campos

Professor Efetivo do Departamento de Psicologia e Orientador de Mestrado - UFRN

RESUMO: O *bullying* escolar compreende todas as ações nas quais há o desejo consciente de maltratar outra(s) pessoa(s) que está (ão) em posição desigual de poder, causando intenso sofrimento e tensão. Este artigo pretendeu investigar o fenômeno *bullying*, suas características e manifestações, bem como a percepção que os educadores têm acerca do problema na cidade de Natal/ RN. Para tal, realizou-se revisão de literatura e pesquisa empírica em uma escola particular de Ensino Fundamental. Entre os resultados, encontrou-se que a prática de *bullying* é evidenciada principalmente através de apelidos pejorativos, fofocas maldosas e pequenas agressões, tal como beliscões; os educadores ainda têm dificuldade de identificar o problema e criar estratégias para remediá-lo ou prevení-lo.

Palavras-chave: Violência nas escolas, *bullying*, Escolas Particulares de Ensino Fundamental.

O *bullying* escolar faz parte de um problema mais amplo e cada vez mais evidenciado, qual seja o problema da violência nas escolas. Lopes e Gasparin (2003) afirmam que o a violência em tais instituições coloca em questão a relação entre professor e aluno e gera prejuízos a todos: professores ficam submetidos a estresse físico e psíquico e alunos enfrentam mais um obstáculo na produção e aquisição de seu conhecimento e cidadania. Professores queixam-se da dificuldade de estar em sala de aula por causa do medo e da possibilidade de que algum ato de violência possa acontecer e alunos não se sentem seguros para confiar nos professores.

Lopes e Gasparin (2003: 297) acrescentam que o crescimento da violência na escola tem ampliado os conflitos presentes na relação professor-aluno, tanto por um aumento de exigências relacionadas às habilidades para lidar com conflitos, quanto pela diversidade destes conflitos, que abrangem desde agressões físicas e verbais até o porte de armas dentro de sala de aula. Nessa diversidade se insere um tipo de violência que está relacionada ao “desrespeito, descaso e negação do outro, que se traduzem na agressão verbal, ameaças, humilhação, zombaria [...]”.

Debarbieux (2001: 26) já apontava para essa forma particular de manifestação do fenômeno. Naquela oportunidade, aproveitando para denunciar as contradições sociais e as manipulações ideológicas que buscam encobri-la, se referia às “violências cotidianas”: “acontecem diariamente em uma escola que insiste em propagar a equidade entre os alunos, mesmo quando entre estes aparece o abismo da desigualdade”. Trata-se de uma forma que não é a encontrada nos códigos penais:

decorre da desigualdade, é expressa em pequenas violências, também chamadas de microvitimizações, configuradas por pequenos delitos ou infrações que na maioria das vezes não são sequer abordadas pelo poder público ou pela instituição de ensino, mas que nem por isso são menos inofensivas ou intoleráveis para aqueles que as sofrem.

Aparentemente inofensivos, tais pequenos delitos causam, planejada e intencionalmente, a desestabilização emocional que impede o pleno exercício de direitos. Ao se definir como incivildades esse tipo de violência, evita-se a confusão com o conceito de indisciplina. De acordo com Garcia (2007: 122), na literatura educacional o termo indisciplina remete a diversos entendimentos conceituais. Quando analisado em contraposição à noção de disciplina, resulta na compreensão de que se refere a “rupturas relacionadas às esferas pedagógica e normativa da escola”.

Garcia (2007: 124) também refere que as expressões de indisciplina comumente refletem transgressões a parâmetros e esquemas de regulação escolar, “cujo eixo seria o processo de ensino-aprendizagem”. Entre os professores, o termo indisciplina pode se referir a determinadas contrariedades observadas no cotidiano das suas práticas pedagógicas. Seriam incômodos decorrentes de rupturas e tensões produzidas por alunos, tanto em relação aos acordos sancionados formalmente na escola, e particularmente em sala de aula, quanto em relação a expectativas tácitas sobre a conduta na escola. Refletem, assim, “desacordos em relação a contratos e expectativas sociais, na esfera das relações entre sujeitos, bem como no campo das relações desses com o conhecimento”.

Já a incivildade, longe de ser considerada simplesmente má educação ou falta de civilização, é uma ruptura em nível das regras e expectativas de convivência e dos pactos sociais que perpassam as relações humanas: “é um conflito de civilidades, mas não um conflito de civilidades estranhas umas às outras e para sempre irreduzíveis e relativas” (GARCIA, 2007; DEBARBIEUX, 2001: 24). De acordo com Abramovay et al (2004), na escola, as incivildades atendem a diferentes finalidades e se expressam de formas complexas. Seja como contestação da ordem escolar ou como violência, ameaçam o funcionamento da escola e a convivência que ali ocorre.

É importante perceber que a incivildade traz à tona a dificuldade do sujeito ou de seu grupo de se relacionar com valores diferentes dos seus, e conseqüentemente de conviver com essas diferenças, o que ameaça o funcionamento de qualquer instituição, no caso específico deste estudo, a escola e as relações sociais que ali ocorrem. Na esteira das reflexões do sociólogo francês, Santos (2001: 5) tenta explicar tal fenômeno como sendo um conflito de civilidades, de códigos de conduta,

Pois entre professores e alunos há portadores de diferentes normas de conduta, que se manifesta por formas menores [...] de violência no espaço escolar, indicando a difícil questão de convivência entre grupos sociais que utilizam diversos códigos culturais nas relações de socialidade.

Com tais esclarecimentos, os autores buscam referir a existência inevitável de valores, regras, classes sociais, normas de conduta diferentes e contraditórias, características de qualquer tipo de relação humana, das mais variadas instituições. No entanto, diferentemente da violência física, que salta aos olhos, a forma

de expressão e manifestação destas contradições é que vai caracterizar ou não a violência. De que maneira uma criança ou adolescente lida com um colega que tem altura, peso, idéias diferentes dos seus? Ele briga, conversa ou ignora?

Reiterando essa abordagem, Moura (2005) afirma que, apesar da evidência da violência física, dela apresentar-se de forma bem explícita e de fácil visualização, a violência muda, implícita, camuflada, velada, pode ser tão ou mais cruel do que a física, pois se manifesta através da repressão e privação do direito de ser e pensar diferente dos demais, à custa de ser ridicularizado, penalizado por não ser igual.

Acerca desta forma implícita de violência, Camacho (2001: 128) afirma que,

A violência, na sua forma explícita de manifestação nas escolas, é combatida, criticada e controlada por meio de punições. Entretanto, a violência mascarada passa impune, ou porque não é percebida como tal e é confundida com a indisciplina, ou porque é considerada pouco grave, isenta de conseqüências relevantes, ou, finalmente, porque não é vista. Essa violência pode se tornar perigosa porque não é controlada por ninguém, não possui regras ou freios e porque passa a ocorrer constantemente no cotidiano escolar. De tanto acontecer, ela passa a ser banalizada e termina por ser considerada "naturalizada", como se fosse algo "normal", próprio da adolescência. A banalização da violência provoca a insensibilidade ao sofrimento, o desrespeito e a invasão do campo do outro.

Embora constatem um discurso pedagógico sobre o que é a violência, abordando muitos dos aspectos envolvidos, Abramovay e Rua (2002) percebem uma fraca discussão entre professores, pedagogos e gestores a respeito dos casos de violências que efetivamente estão presentes na escola. Por vezes, citam as autoras, as agressões verbais são consideradas precursoras de ocorrências graves, como por exemplo as agressões físicas, e não como práticas violentas em si mesmas. É necessário, então, refletir acerca dessa naturalização e banalização das violências praticadas na forma de incivildades, pois não é raro receber uma resposta afirmativa quando se pergunta a uma pessoa se, alguma vez em sua vida escolar, foi alvo de atos que considerou violência, em que apenas um lado dos envolvidos se diverte; e ainda mais quando estes atos “sem graça” são apoiados ou mesmo executados pelos próprios professores ou equipe técnica da escola, alegando que estão simplesmente brincando.

Segundo Olweus (1998 apud NOGUEIRA, 2007), tais fenômenos de maltrato e de intimidação e manifestações de incivildades entre escolares chamam-se *bullying*, uma forma de violência não física – os insultos, os apelidos cruéis e as gozações que magoam profundamente, as ameaças que ocorrem, sobretudo, nos recreios e na saída das escolas, que levam muitos estudantes à exclusão, ocasionando danos físicos e materiais – junto a formas de violência física.

Middelton-Moz e Zawadski (2007: 21) conceituam o *bullying* como:

[...] atos, palavras ou comportamentos prejudiciais intencionais e repetidos. Os comportamentos envolvidos no *bullying* são variados: palavras ofensivas, humilhação, difusão de boatos, fofoca, exposição

ao ridículo, transformação em bode expiatório e acusações, isolamento, atribuição de tarefas pouco profissionais ou áreas indesejáveis no local de trabalho, ameaças, insultos, sexualização, ofensas raciais, étnicas ou de gênero.

Segundo Fante (2002), o *bullying* não se trata de um episódio esporádico, mas de um fenômeno violento que se dá em todas as escolas, e que propicia uma vida de sofrimento para uns e de conformismo para outros. Para a autora, os danos físicos, morais e materiais, os insultos, os apelidos cruéis e as gozações que magoam profundamente, as ameaças, as acusações injustas, a atuação de grupos hostilizam a vida de muitos alunos, levando-os à exclusão por não se enquadrarem em determinado padrão físico, comportamental ou ideológico.

De acordo com Nogueira (2007), o *bullying* escolar é um fenômeno tão antigo quanto prejudicial, que pode deixar marcas profundas na vida de um escolar. Mas, apesar dos educadores terem consciência da problemática existente entre agressor e vítima, poucos esforços têm sido despendidos para o seu estudo sistemático. Middleton-Moz e Zawadski (2007) reiteram que, apesar do *bullying* constituir um problema sério em escolas, até há pouco tempo poucas instituições de ensino o reconheciam como uma ameaça importante contra crianças, professores ou funcionários. A principal postura era ignorar o comportamento e torcer para que acabasse.

Uma das razões para a pouca importância dada ao *bullying* era a confusão feita entre este fenômeno e brincadeiras infantis comuns. Geralmente, quando uma criança ou jovem queixava-se de ser humilhado ou perseguido, duas formas comuns de *bullying*, os responsáveis ora interpretavam como brincadeira, ora recomendavam que a vítima não ligasse, dizendo que aquele era um comportamento passageiro. No entanto, na própria conceituação de *bullying* trazida por ele Middleton-Moz e Zawadski (2007) e Fante (2000) é apresentado como uma soma de comportamentos intencionais e repetitivos, ou seja, são premeditados e não são passageiros. Além disso, o *bullying* não pode ser considerado brincadeira, pois de acordo com Robles (2007: 10),

A brincadeira é uma atividade ou ação própria da criança, voluntária, espontânea, delimitada no tempo e no espaço, prazerosa, constituída por reforçadores positivos intrínsecos, com um fim em si mesma e tendo uma relação íntima com a criança. É importante ressaltar que o brincar faz parte da infância, porém, em várias ocasiões, os adultos (pais ou professores) propõem determinadas atividades para as crianças que parecem não cumprir os critérios acima discutidos, mas que são chamadas de brincadeiras pelos próprios adultos. Se a atividade é imposta ou se parece desagradável para a criança, tudo indica que não se trata de uma brincadeira, mas de qualquer outra atividade.

Diante da conceituação de brincadeira, fica difícil relacionar tal atividade ao *bullying*, pois os comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos contra o mesmo

individuo causam um sentimento de inferioridade diante dos demais colegas, muito diferente da sensação de prazer possibilitada pela brincadeira.

Nogueira (2007) refere que se pode considerar o *bullying* um fenômeno novo porque deve ser objeto de investigação, uma vez que se apresenta na desigualdade entre iguais, resultando num processo em que os iguais projetam seu mau caráter de forma oculta dentro de um mesmo contexto. Por outro lado, considera-se o fenômeno como um fato velho, por se tratar de uma forma de violência que ocorre nos centros educativos há muito tempo, em que os valentões oprimem e ameaçam suas vítimas por motivos banais, querendo impor sua autoridade.

De acordo com Gomes et al (2007: 4), muitos fatores influenciam as atitudes de alguém que pode ser considerado um autor de *bullying*:

[...] a imitação de um padrão de comportamento conflituoso, explosivo ou hostil, a influência do que é veiculado na mídia; a falta de relacionamentos pessoais positivos, em um clima de amor e solidariedade; a falta de atenção e de estímulos necessários a um desenvolvimento sadio; o excesso de agrados e ausência de regras, passando a idéia de que tudo é permitido, desde que seus desejos sejam satisfeitos; a pobre e ineficiente atenção que recebe, o desenvolvimento da sensação de não ser amado e, portanto, de não ser capaz de construir novos relacionamentos satisfatórios e saudáveis.

Os mesmos autores comentam que os alvos de *bullying* geralmente sentem dificuldades ou quase impossibilidade de reagir aos ataques, ou de conversar com alguém sobre o problema, sendo “pessoas sem esperanças de se adaptarem ao grupo. A baixa auto-estima é agravada por intervenções críticas ou pela indiferença dos adultos com quem convive em relação ao seu sofrimento” (GOMES et al., 2007: 5). Geralmente têm poucos amigos, baixo desempenho escolar, podem resistir ou recusam-se a ir para a escola, ou até simular doenças. Trocam de colégio com frequência ou abandonam os estudos. Há jovens que chegam a desenvolver extrema depressão e/ou incapacidade para aprender.

De acordo com Nogueira (2007: 98), através da observação e da discussão sobre o comportamento dos alunos os professores podem identificar os alvos e os agressores. As vítimas são alunos frágeis, que se sentem desiguais ou prejudicados, e que dificilmente pedem ajuda. “Eles podem demonstrar desinteresse, medo ou falta de vontade de ir à escola, apresentar alterações no rendimento escolar, dispersão ou notas baixas”. Além disso, podem apresentar sintomas de depressão, perda de sono e pesadelos. Normalmente recebem apelidos, são ofendidos, humilhados, discriminados, excluídos, perseguidos, agredidos, e podem ter seus pertences roubados ou quebrados. Já os agressores,

Geralmente acham que todos devem fazer suas vontades, e que foram acostumados, por uma educação equivocada, a ser o centro das atenções. São crianças inseguras, que sofrem ou sofreram algum tipo de agressão por parte de adultos. Na realidade, eles repetem um comportamento aprendido de autoridade e de pressão. Tanto as vítimas, quanto os agressores, necessitam de auxílio e de orientação.

Os demais alunos são os observadores da violência. Eles convivem com ela e se calam ou são ignorados em suas observações por pais e professores. Temem tornarem-se alvos, e podem sentir-se incomodados e inseguros (NOGUEIRA, 2007: 99).

Ainda de acordo com a autora, para se refletir sobre o *bullying* é essencial promover a orientação, a conscientização e a discussão a respeito do assunto. Nem toda briga ou discussão deve ser rotulada como *bullying*, para que não se caia em um extremismo, pois o conflito saudável é extremamente positivo e necessário ao aprendizado, visto que há a troca de idéias diferentes entre si. “A diferença entre um comportamento aceito e um abuso às vezes é muito tênue, e cada caso deve ser observado e analisado segundo sua constância e gravidade” (NOGUEIRA, 2007: 101).

A pesquisa

Caminho metodológico e resultados

Foi realizado contato com a direção de uma escola particular, localizada no Bairro Alecrim, em Natal/RN, no qual foram apresentados a proposta da pesquisa, assim como o instrumento utilizado, que seria as entrevistas. Na ocasião, a coordenadora pedagógica da instituição aceitou participar e indicou três alunos, que, segundo ela, tinham queda em seu rendimento escolar, assim como estavam afastados dos colegas nos últimos meses.

As perguntas semi-estruturadas direcionadas aos alunos, foram baseadas em um modelo trazido no livro Fenômeno *Bullying*: como prevenir a violência nas escolas e educar para paz, de Cleo Fante; continha questões que investigavam se o aluno gosta ou não da escola, se já sofreu algum tipo de agressão naquele espaço – caso afirmativo, quando –, se conseguiu se defender, se contou a alguém sobre a agressão e o que aconteceu com os agressores.

Com a coordenadora, foram levantadas questões que investigavam se ela conhecia o problema do *bullying*, qual sua percepção acerca do problema, quais eram os tipos mais comuns de violências ocorridas entre alunos na escola, quais eram as atitudes tomadas pelos educadores quando ocorriam violências – no caso de alguma medida ser tomada – e o que acontecia com agressores e vítimas.

A pedido da coordenadora, a entrevista com ela foi feita logo cedo, e com os alunos, foi realizada no intervalo das aulas, cada entrevista demorou em torno de vinte minutos, que é o tempo de um intervalo; por isso, cada entrevista foi realizada em um dia diferente. Todos os entrevistados tiveram tempo livre para responderem às perguntas, mas no caso dos alunos, estes foram bastante sucintos em suas respostas, mostrando certa timidez; todas as respostas foram gravadas, com o consentimento de todos, e depois transcritas e analisadas. Os três jovens entrevistados, que serão chamados de X, Y e Z, tinham entre 11 e 13 anos.

O aluno X é um jovem de 12 anos, alto e acima do peso, mas apesar de seu porte, aparenta ser frágil e ter dificuldades de conversar. Na entrevista, relatou que não

gosta da escola, dizendo que os alunos fazem muita bagunça e que não “se dão” com ele, querendo dizer que não são muito amigos. Já sofreu vários episódios de agressão, sendo que a última foi há duas semanas, desta vez, diferente das outras, foi à diretoria dizendo que estava “muito chateado e nervoso”, esta disse que ele se acalmasse e que ela ia resolver, mas nada aconteceu e os agressores continuam ameaçando-o.

X disse que estava muito arrependido de ter ido estudar neste colégio, pois sente que os demais alunos de sua sala não gostam dele. Quando é ameaçado ou agredido, sempre ficava calado, quando retribuía as ameaças sempre “era pior, porque aí eles faziam mais”. Agora, depois de ter denunciado os garotos na diretoria, sente que, além de eles não pararem de agredi-lo, estão ameaçando ainda mais.

O aluno Y é um garoto de 11 anos, de temperamento aparentemente calmo, e segundo a coordenadora, é bastante inteligente e quieto. Por estas características, os companheiros de classe o apelidaram de “boneca” e agora só o chamam assim. Envergonhado, diz que se isolou de seu grupo e várias vezes sente vontade de faltar à escola, por medo, pois também já foi agredido fisicamente uma vez. Por todos estes fatos, diz que a escola não é um lugar agradável para ele.

Inclusive, no dia da entrevista, horas antes foi agredido com um tapa na nuca, que disse não ter coragem de se defender, por medo de que, da próxima vez, seja pior. Uma das razões para que ele não denuncie os agressores é o fato de que “as professoras só acreditam vendo” e, na maioria das vezes, as agressões são feitas quando não há educadores olhando ou quando ele está sozinho.

Z tem 13 anos é um dos poucos amigos de Y, aparentou ser tímido, pois respondia às perguntas de forma direta e sem maiores detalhes. Disse que, quando foi abordado para fazer a entrevista, os demais colegas gritaram: “Vai Renata!”, o que o deixou envergonhado e talvez por isso, muito constrangido na presença dos entrevistadores.

Em seu relato, Z disse que gosta da escola, pois lá ele joga futebol nas aulas de educação física, e lê na biblioteca; não gosta de sua sala de aula, principalmente da bagunça que alguns alunos fazem e do preconceito, evidenciado quando eles colocam apelidos femininos em garotos que não são seus amigos, ou não seguem as regras de comportamento e aparência da maioria.

Apesar de ter sido alvo de apelido minutos antes da entrevista, relatou que a última vez que foi agredido foi no dia anterior, quando garotos deram um tapa em sua nuca. Relatou que não tenta mais se defender, nem fala dos problemas que passa para alguém, pois “não adianta, eles não param”.

Na entrevista com a orientadora pedagógica, esta afirmou que já havia presenciado xingamentos e insultos entre alunos, mas que na maioria das vezes considerava como “coisa da idade” e no máximo mandava fazer silêncio. Quando percebia a possibilidade de violência física, parava a brincadeira ou mandava para a diretoria. Foi possível verificar a incidência de *bullying* em forma de agressões verbais e físicas em três alunos do ensino fundamental e o sofrimento acarretado. Infelizmente, a prática do *bullying* entre alunos é uma prática comum, muitas vezes disfarçada de mera brincadeira infantil. No entanto, os profissionais da educação devem atentar para o fato de que a brincadeira é ato constituinte da infância saudável, que traz benefícios e aprendizado, além de ser prazerosa para crianças e jovens, o que é muito diferente dos comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos causados pelo *bullying*.

Considerações finais

Todos os alunos entrevistados relataram ter sofrido algum ou vários tipos de manifestações de *bullying*, fato que os deixou bastante tristes, temerosos e até sem vontade de ir à escola. Esta situação se agravou devido ao fato de os jovens não serem escutados quando reclamavam ou denunciavam as agressões aos pais ou educadores e estes não davam a devida atenção ao problema, seja por desinformação, seja por acharem que tudo não passava de “brincadeira”, coisa passageira da idade.

Esta soma de coisas leva à reflexão acerca da situação dos educadores, principais atores quando se fala em identificar, remediar ou prevenir a situação de *bullying* na escola. Pode-se afirmar que tais profissionais ainda não estão devidamente informados e preparados para lidar com a situação no ambiente escolar. Sendo assim, é preciso, além de um trabalho de conscientização entre os próprio alunos, um trabalho de informação acerca da amplitude do *bullying*.

Em meio à uma realidade na qual os educadores se inserem no mercado de trabalho da educação cada vez mais jovens, não têm tempo ou condições financeiras de investirem na continuidade de sua formação acadêmica, é preciso mobilizar as instituições escolares para que dêem atenção à informação e formação de seus profissionais. É preciso alertá-los acerca dos prejuízos sociais, psicológicos, comportamentais e educacionais que o *bullying* acarreta aos alunos envolvidos.

Infelizmente, a prática do *bullying* entre alunos é uma prática comum, muitas vezes disfarçada de mera brincadeira infantil. No entanto, os profissionais da educação devem atentar para o fato de que a brincadeira é ato constituinte da infância saudável, que traz benefícios e aprendizado, além de ser prazerosa para crianças e jovens, o que é muito diferente dos comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos causados pelo *bullying*.

Quando se identifica um autor e uma vítima de *bullying*, ambos devem ser orientados. Seus pais devem ser alertados e estar cientes que seus filhos, agressor ou agredido, precisam de ajuda especializada; o comportamento dos pais diante deste comunicado é muito importante: não se deve cobrar o revide, nem intimidar ou agredir. Estas reflexões, que revelam a necessidade de superar o senso comum e estudar a realidade das escolas, seguem como sugestão para um próximo artigo e próximos estudos relacionados ao tema.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.
- ABRAMOVAY, M. et al. **Juventudes e Sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.
- CAMACHO, L. M. Y. **As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v27n1/a09v27n1.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2007.
- DEBARBIEUX, E. A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto (1967-1997). **Educação e Pesquisa**, v. 27, n.1, p. 163-193, jan./jun. 2001.
- FANTE, C. **Fenômeno *Bullying*: como prevenir a violência e educar para a paz**. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.
- GARCIA, J. **Indisciplina, incivildade e cidadania na escola**. Disponível em: <<http://143.106.58.55/revista/include/getdoc.php?id=898earticle=97&mode=pdf>>. Acesso em: 20 out. 2007.
- GOMES et al. **Violência sem limites**. Disponível em: <http://www.aliancapelainfancia.org.br/biblioteca/textos_portugues.asp>. Acesso em: 19 nov. 2007.
- LOPES C. S.; GASPARIN, J. L. Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente. **Acta Scientiarum Human and Social Sciences**, v. 25, n. 2, p. 295-304, 2003.
- MIDDELTON-MOZ, J.; ZAWADSKI, M. L. ***Bullying*: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- MOURA, A. C. S. A violência nas práticas avaliativas e sua relação com o fracasso escolar. **Anais do II Congresso Ibero-Americano de Violências nas Escolas**. Out. 2005.
- NOGUEIRA, R. **A prática de violência entre pares: o *bullying* nas escolas**. Disponível em: <<http://www.rioei.org/rie37a04.pdf>> . Acesso em 16 abr. 2007.
- ROBLES, H. S. M. **A brincadeira na educação infantil: conceito, perspectiva histórica e possibilidades que ela oferece**. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=943>>. Acesso em: 20 out. 2007.
- SANTOS, J. V. T. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. **Educação e Pesquisa**, v. 27, n. 1, p. 105-122, jan./jun. 2001.

